

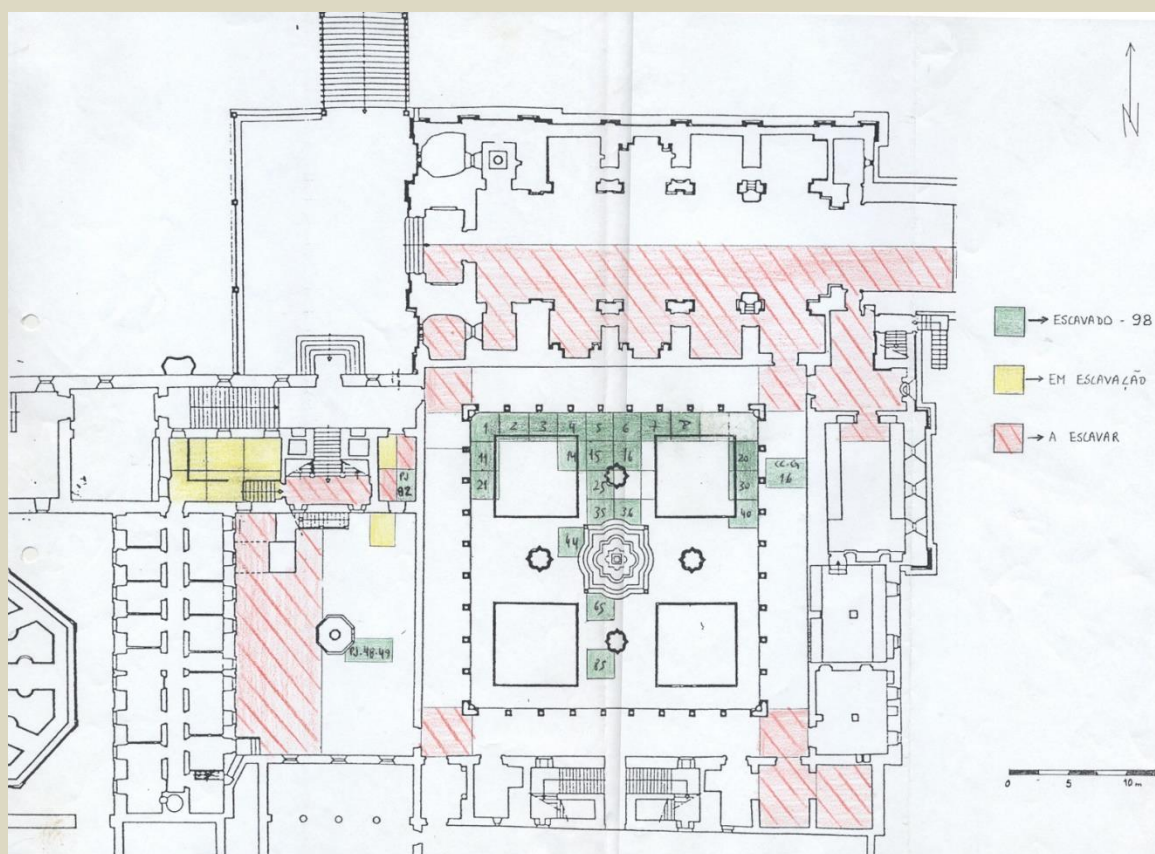


Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de Março de 1998 a Dezembro de 1998

Claustro do Cemitério, Pátio do Jericó e Passal



RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 51, 2015

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Edifício dos Congregados - Avenida Central, 100
P 4710-229 Braga

Direção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2015**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço eletrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: **ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES. CAMPANHA DE MARÇO DE 1998 A DEZEMBRO DE 1998. CLAUSTRO DO CEMITÉRIO, PÁTIO DO JERICÓ E PASSAL. RELATÓRIO CIENTÍFICO**

Autor: **LUÍS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES**



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.51

2015

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de Março de 1998 a Dezembro de 1998

Claustro do Cemitério, Pátio do Jericó e Passal

RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes
Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos). O presente relatório foi aprovado pelo IPA – Instituto Português de Arqueologia - ofício n.º 91/1(34), 5 de Fevereiro de 1999.

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de Março de 1998 a Dezembro de 1998

Claustro do Cemitério, Pátio do Jericó e Passal

RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luis Fernando de Oliveira Fontes

Braga - Tibães

Janeiro de 1999

INDICE

1 - Introdução

2 - Resultados das escavações

3 - Considerações Finais

Ilustrações

(plantas e fotografias)

Anexos Documentais

(desenhos de campo)

1 - Introdução

Entre Março de 1998 e Dezembro de 1999 decorreu mais uma campanha de escavações arqueológicas no mosteiro de S. Martinho de Tibães. Conforme explicitado em relatórios e memorandos anteriores, a intervenção arqueológica tem por objectivo principal minimizar o impacte das obras de consolidação, restauro e adaptação de que o edificado é objecto e que decorrerão até ao ano 2000. Subsidiariamente, os trabalhos arqueológicos visam a recolha de dados que permitam aumentar o conhecimento sobre a evolução arquitectónica do mosteiro.

Integralmente financiados pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e executados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, os trabalhos arqueológicos foram realizados, sob orientação do signatário, pela seguinte equipa:

Arlindo da Rocha Pinheiro (equiparado a assistente de arqueólogo);

Amândio de Sousa Braga, Amélia Maria Pinheiro Ferreira da Silva, Bruno António Coelho Gomes, Bruno Manuel Rodrigues Magalhães Pereira, Cristiana Agostinho Correia Ferreira, José Emílio Correia Coelho, Maria Perpétua Pinheiro Ferreira, Miguel Fernando Dias Veiga, Nuno Miguel Araújo Ferreira, Pedro Miguel da Mota Peixoto, Quenor Alberto Oliveira da Rocha, Renata Liliana Ferreira Araújo, e Rui Manuel Araújo Gonçalves (auxiliares técnicos).

No que concerne à metodologia dos trabalhos arqueológicos, seguiram-se os procedimentos descritos nos relatórios e memorandos anteriores. Quanto à organização do presente relatório, segue-se igualmente o modelo dos relatórios anteriores. Assim, como complemento à apresentação descritiva dos resultados, juntam-se várias

plantas (ver Ilustrações) e fotografias (ver Ilustrações), bem como fotocópias de todos os desenhos de campo efectuados, ordenados por zonas (ver Anexos). A documentação está depositada na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e no Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. O espólio encontra-se depositado nesta última instituição.

2 – Resultados das escavações

Nesta campanha os trabalhos arqueológicos de escavação incidiram no *Claustro do Cemitério* (CC.P.1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 14, 15, 16, 20, 21, 25, 30, 35, 36, 40, 44, 65, 85 e CC.G.16), no *Pátio do Jericó* (PJ.48, 49 e 82) e no Passal (P.1A, D), abrangendo uma área superior a 165 m² e um volume de terras removidas da ordem dos 100 m³.

Fez-se ainda o acompanhamento da abertura de valas para construção das novas redes de drenagem e saneamento que envolvem exteriormente todo o mosteiro, bem como das valas relacionadas com a instalação do novo sistema de abastecimento de água, cujos depósitos se implantaram na zona alta da cerca.

Registe-se também que, no âmbito do apoio à obra de remodelação da ala Norte do mosteiro, se efectuou o levantamento, à escala 1:50, do pavimento de soalho entre o “paço da ouvidoria” e o topo nascente da ala e da escadaria que faz a ligação à portaria.

Todo o espólio recolhido nesta campanha de escavações arqueológicas recebeu já os tratamentos preliminares de lavagem, limpeza, marcação e acondicionamento, encontrando-se depositado nas instalações do Mosteiro de S. Martinho de Tibães.

Passal (PASS)

Em consequência de análises de fotografia aérea, realizadas por Assunção Vasconcelos no âmbito do mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho, que indiciavam a existência de estruturas

soterradas na área do passal da paróquia, realizaram-se duas sondagens para comprovar ou não a sua existência.

Os cortes, PASS.1A e D, foram escavados até à profundidade aproximada de 3 metros, não tendo fornecido quaisquer vestígios arqueológicos. Confirmou-se que a zona foi aterrada, no decurso do século XVIII, para agricultura, tal como se inferia da documentação coeva, que refere trabalhos de drenagem do solo.

Claustro do Cemitério (CC.P e G) e Pátio do Jericó (PJ)

Prosseguiram-se aqui os trabalhos iniciados no ano anterior, os quais haviam possibilitado descobrir partes das fundações medievais do mosteiro e dos sistemas de drenagem e de adução de água modernos relacionados com este claustro.

Nesta campanha alargou-se a área de escavação a praticamente toda a metade setentrional do pátio do claustro, bem como à zona central envolvente do chafariz, tendo em vista obter uma leitura tão ampla quanto possível da planimetria medieval. Fizeram-se ainda duas sondagens no Pátio do Jericó, para verificar o eventual prolongamento das estruturas para Oeste do claustro.

Escavaram-se em toda esta zona um total de 26 cortes, 22 no pátio do claustro, 1 na metade Norte da galeria nascente e 3 no Jericó (2 no terreiro e 1 no compartimento a NE). Como se constata pela planta de localização dos cortes (ver Fig.B), a sua concentração no pátio do claustro traduz a orientação específica da intervenção para a identificação das ruínas aí detectadas na campanha de 1997.

Diferentemente do relatório anterior, entendeu-se dispensável descrever os resultados corte a corte, quer porque se torna mais

compreensível fazê-lo em relação às sequências ocupacionais, quer porque muitos dos cortes são contíguos uns aos outros, o que se traduziria numa repetição desnecessária das descrições, quer ainda porque se juntam, em anexo, a totalidade dos desenhos de campo. Assim, apresenta-se em seguida uma síntese dos resultados, com base nas sequências de ocupação identificadas.

FASE I - A esta fase correspondem os vestígios mais antigos, associáveis a uma ocupação compreendida entre os finais do século XI e os finais do século XV. Trata-se das valas de fundação e restos dos alicerces das paredes meridional da igreja primitiva e edifício conventual contíguo, algumas áreas pavimentadas, tanto no interior como no exterior do templo original, e enterramentos, todos em zona exterior do templo.

De silharia granítica, formando parede de dupla face e miolo de calhaus, cascalho e argamassa de saibro, assente sobre um leito regularmente horizontal de calhaus, que preenche uma larga vala de fundação escavada no xisto, os vestígios do que se interpreta como sendo a parede meridional da igreja desenvolvem-se ao longo de mais de 20 metros pela banda Norte do pátio do claustro (cortes CC.P.4, 5, 14, 15, 16, 20, 25 e 30).

A parede teria 1,2 metros de espessura acima do nível de circulação e cerca de 1,5 metros no embasamento, relevando neste a utilização de silhares com orifício para uso do "forfex". O leito de calhaus subjacente ocupa toda a largura da vala de fundação, isto é, cerca de 1,8 metros.

Na zona poente, esta parede continuava pelo que seria já a edificação monástica (o início de uma ala Norte, talvez relacionável com uma portaria - cortes CC.P.11 e 14), desenvolvendo-se para Oeste sob a

galeria do claustro actual e também para Sul paralelamente à colunata (neste caso, uma ala poente, que limitaria uma área claustral - cortes CC.P.11 e 21).

Desta grande parede meridional arrancavam, perpendicularmente para Norte, duas outras paredes, de que também só se encontraram as valas de fundação e restos dos alicerces.

Em CC.P.4, 5, 14 e 15 corresponderia à parede da fachada ocidental da igreja, eventualmente contrafortada, como parece indiciar uma saliência estruturada do embasamento. O cruzamento das paredes, no que será o cunhal SE da fachada, é configurado por um poderoso embasamento de planta quadrangular, provavelmente correspondente ao alicerce de um torreão, implantado contra a fachada ocidental da igreja; em CC.P.7 corresponderia a uma parede intermédia, mais estreita e com um embasamento na rocha menos cuidado.

Para nascente desta parede desenvolvia-se o piso da igreja, confirmando-se a extensão até CC.P.20 do piso térreo argamassado (apresenta-se aqui, também, avermelhado, o que se interpreta como resultado da exposição ao fogo, como parece deduzir-se da uniforme camada de cinzas e carvões que o recobre).

Contra a parede Oeste, pelo lado interior, conservou-se uma fiada de um pavimento de lajes de granito, sendo perceptível a marca correspondente ao assentamento do que deveria ser um degrau (CC.P.5). Sob este pavimento e ocupando o espaço delimitado pelas duas paredes referidas (CC.P. 5 e 6), identificaram-se 5 sepulturas escavadas na rocha, de forma aproximadamente ovalada, com a parte mais larga, correspondente à cabeceira, para Oeste - nenhuma tinha cobertura e as duas cujo enchimento se escavou revelaram restos osteológicos muito degradados mas, aparentemente, *in situ*.

No espaço a poente da parede que se interpretou como correspondente à fachada (CC.P.1, 2 e 3), identificou-se um conjunto de 6 sepulturas: 3 do tipo caixa pétrea formada por lajes graníticas com a face interna alisada, fincadas verticalmente na rocha (xisto), afeiçoada para as receber, e cobertura de lajes irregulares de granito - uma conserva-se intacta e as outras duas foram desmanteladas pela implantação do alicerce da colunata do claustro; outras 3 são do tipo referido acima, conservando-se intactas, com as lajes de cobertura. O nível de circulação que sobrepujava este conjunto de sepulturas apareceu bem definido por uma pavimentação térrea de argamassa de saibro, pouco espessa mas regularmente distribuída.

A Sul da grande parede meridional identificaram-se mais 4 enterramentos: 2 em CC.P.25, feitos em caixas pétreas que encostavam à parede da igreja, que assim constituía um dos lados das sepulturas - apresentam-se sem cobertura e conservam enchimentos com restos osteológicos, que sobreviveram ao saque dos silhares das paredes; outros dois em CC.P.30 e 40, dispostos paralelamente à parede da igreja, conservam-se intactos - são constituídos por caixas pétreas formadas por lajes afeiçoadas de maiores dimensões, apresentando uma cobertura de grandes lajes afeiçoadas, em que releva o reaproveitamento de uma imposta decorada com meias-esferas salientes.

A esta fase deve associar-se ainda o recorte aberto na rocha identificado na banda central Sul do pátio (cortes CC.P.65 e 85), o qual prolonga o que já se havia identificado em 1987. Confirma-se portanto a existência de uma grande vala de fundação, que se prolonga por cerca de 10 metros no sentido Norte-Sul, exactamente no enfiamento da parede considerada como fachada ocidental da igreja. Não se recolheram dados que permitam interpretar a articulação desta parede com outras, desconhecendo-se, assim, a sua funcionalidade.

Ao nível do espólio assinala-se a recolha de fragmentos de cerâmica de tipologias comuns às produções medievais da região de Braga e de duas moedas portuguesas.

FASE II - A esta fase correspondem igualmente vestígios de alicerces de paredes, de pavimentos e de sepulturas, associáveis a uma ocupação compreendida entre os inícios do século XVI e os inícios do século XVII, isto é, ao período de transição do mosteiro medieval ao moderno, em Tibães assinalado pela elevação do mosteiro a casa-mãe da Ordem Beneditina. É já uma época de renovação, em que releva o contributo do abade comendatário António de Sá (1535 - 1550), a quem se atribui a primeira grande remodelação arquitectónica pós-medieval do mosteiro de Tibães.

Em PJ.82 colocaram-se a descoberto restos de um alicerce de uma parede que prolongaria para poente o alinhamento da fachada meridional da igreja medieval. Com características construtivas vulgares, como sejam o embasamento com silhares reaproveitados e elevação em alvenaria de pedra e argamassa, de aparelho poligonal, esta parede corresponderá à fachada setentrional de novo espaço claustral que expandiu o edificado monástico para poente - obra atribuível a D. António de Sá. Deverá relacionar-se também com esta nova área construída o recorte escavado no xisto para embasamento de pilar ou coluna identificado no centro/Este do pátio do Jericó (PJ.48-49).

Na banda NE do pátio do claustro do cemitério, em CC.P.20, uma zona que corresponderá ao interior da igreja, talvez o topo SE da nave, identificou-se parte de uma pavimentação de tijoleira assente em argamassa, configurando o embasamento de um retábulo ou altar, encostado à parede da igreja (ainda a grande parede meridional referida

na Fase I). Este embasamento sobrepõe a pouco espessa camada de demolição e abandono, com abundância de cinzas e carvões, que aqui recobre o também já referido pavimento argamassado de cor avermelhada.

O espólio recolhido é exclusivamente cerâmico, com dominância de cerâmica de revestimento, em que se destacam tijoleiras rectangulares com bordo biselado e azulejos de tipo “mudéjar”, com cronologias em torno de finais do século XV / princípios do século XVI. Nas cerâmicas domésticas identificam-se fabricos comuns tardomedievais e modernos e algumas faianças tardias.

FASE III - Esta fase corresponde à reconstrução moderna da igreja e do mosteiro de Tibães, iniciada nos começos do século XVII e que se prolongou por todo o século XVIII.

No canto Noroeste do pátio do claustro (cortes CC.P.2 e CC.P.11), sobrepondo-se ao nível de enterramentos medievais, conserva-se o alicerce de uma parede com alinhamento N/S que, encostando à grande parede meridional medieval pré-existente, constitui a fachada ocidental de um compartimento ou divisão que fecha a nascente contra o embasamento do provável torreão da igreja velha.

Construída em alvenaria de blocos de granito, cascalho, fragmentos de tijolo e argamassa, reaproveitando até alguns silhares da edificação medieval, esta parede limita um espaço pavimentado com tijoleira, assente sobre uma camada regular de argamassa de saibro. A entrada seria a poente, onde se conservaram restos do piso que serviu o acesso, pavimentado com calhaus, tipo calçada. Uma laje de maiores dimensões, próximo da entrada axial, serviria de remate da soleira.

Na fase inicial deste período enquadram-se igualmente os dois enterramentos identificados em CC.P.8 e 20/30. O primeiro é uma cova que repete a forma trapezoidal alongada das sepulturas escavadas na rocha, com um lado mais largo, a cabeceira, a Oeste, tendo sido escavada no aterro que recobre o pavimento medieval da igreja, que chegou a romper. Conserva-se o enchimento de terra, que se deixou intacto. O segundo enterramento é constituído por uma cova irregular escavada no aterro que recobriu o alicerce da parede meridional da igreja, tendo sido depositado um corpo, envolvido por cal, parte em cima da cobertura da sepultura tardomedieval que reaproveitou a imposta decorada e parte sobre lajes de granito que devem ter sido deslocadas com a demolição da parede.

No centro/Norte da galeria nascente do claustro, abrangendo os espaços tumulares numerados com os números 124, 125 e 126, escavou-se parcialmente o corte CC.G.16. Decaparam-se apenas os sedimentos que enchiam as covas sepulcrais (a metade Norte do espaço 126 e a metade Sul do 124), suspendendo-se a escavação ao nível do aparecimento das urnas de madeira, que se deixaram intactas. Estas encontraram-se a uma profundidade média de 1 metro e corresponderão, pelo estado de conservação dos ataúdes, a enterramentos do período de utilização paroquial. As terras que os recobriam incorporavam alguns pequenos fragmentos de ossos humanos, testemunhando a reutilização daqueles espaços para enterramentos.

Em muitos dos cortes do pátio do claustro encontraram-se vestígios das canalizações de drenagem e de adução de água que já haviam sido colocadas a descoberto em 1997.

Nos cortes CC.P.65 e 85 confirmou-se a passagem da tubagem de adução de água ao chafariz que adorna o centro do claustro – uma vala estruturada por duas paredes paralelas, em alvenaria de blocos de

pedra, acondiciona um tubo de chumbo, ainda em bom estado de conservação. A cobertura desta vala é feita por lajes do pavimento. Em CC.P.65, junto ao início do primeiro degrau do chafariz conserva-se uma caixa de derivação em pedra, de onde sai um outro tubo de chumbo para Oeste, com torneira de controlo da água.

Em CC.P.35 e 36, no lado Norte do chafariz, encontrou-se a caixa pétrea de recepção do vazamento da água do chafariz, a qual incorpora um elemento arquitectónico moderno reaproveitado, revelando uma remodelação posterior associável a uma substituição parcial da rede de drenagem. A esta caixa de recepção está associada a canalização de escoamento que se estende para Norte pelos cortes CC.P.16 e 6, para Este até ao corte CC.P.40, onde interligava, através de uma caixa de recepção, também em granito, com a tubagem que escoava as águas pluviais desde o canto NE do pátio (cortes CC.P.10, 20 e 30).

As características construtivas destas canalizações de escoamento de águas são idênticas às que se encontraram em 1997: trata-se de tubagem em manilhas de cerâmica, colocadas em vala estruturada por dois alinhamentos paralelos de pedras que definem uma espécie de levada, no interior da qual segue a referida tubagem; a cobertura é formada pelas próprias lajes do pavimento do claustro.

A remodelação da caixa a que aludimos acima desactivou a canalização mais antiga que vazava as águas para poente, tendo-se identificado troços em CC.P.35, 21 e PJ.82. Do ponto de vista construtivo, esta canalização mais antiga difere apenas por ser feita com manilhas de cerâmica de diâmetro inferior.

Em todos os cortes contíguos às galerias do claustro ficaram visíveis os alicerces setecentistas das arcarias, evidenciando-se o rompimento dos sedimentos e estruturas anteriores pela vala de

fundação do embasamento, verificando-se o sistemático reaproveitamento de elementos de outras construções.

O espólio recolhido é exclusivamente cerâmico, identificando-se fabricos comuns modernos, algumas faianças tardias e raros azulejos monocores de vidro estanhífero.

3 - Considerações Finais

Os resultados obtidos confirmaram amplamente as expectativas iniciais, revelando-se particularmente importantes na zona Noroeste do pátio do claustro e no topo NE do pátio do Jericó, onde se identificaram os restos de alicerces e de paredes de uma ala que se estende para poente sob as escadas da portaria, ala essa que deverá corresponder à ampliação do mosteiro de Tibães no século XVI, por iniciativa do abade comendatário António de Sá.

Para o conjunto dos cortes escavados, importa destacar a identificação de vestígios associáveis à ocupação medieval, designadamente a grande extensão de alicerce da parede sul da igreja e as sepulturas intactas na zona que corresponderia ao átrio da igreja.

Interessa também referir a sistemática reutilização da silharia da edificação medieval nos alicerces das paredes do século XVII, como evidenciam bem os elementos de decoração arquitectónica de estilo românico identificados.

Já relacionado com a ocupação moderna do mosteiro, deve referir-se a descoberta do espaço de culto provisório que serviu a comunidade monástica no período que mediou a demolição da igreja medieval e a edificação da moderna, a identificação do nível de circulação térreo que antecedeu a colocação do pavimento lajeado no claustro, bem como a descoberta de troços significativos da drenagem do pátio do claustro, que permitem reconstituir a totalidade do seu traçado.

Por razões ponderosas, como sejam a complexa conservação das ruínas (musgos, líquenes, água), a difícil inserção arquitectónica (em que releva a existência dos canteiros ajardinados que ornamentam o claustro) ou os problemas de segurança estrutural das arcarias do claustro, entendeu-se não deixar quaisquer ruínas a descoberto. Assim, todos os cortes foram novamente aterrados, após cobertura das estruturas e das estratigrafias com manta geotêxtil.

Refira-se finalmente a edição de um desdobrável alusivo à intervenção arqueológica no “Claustro do Cemitério” e a visita que o Senhor Primeiro Ministro, Ministro da Cultura, Governador Civil de Braga, Presidente da Câmara Municipal de Braga e Presidente do Instituto Português do Património Arquitectónico fizeram ao mosteiro de S.

Martinho de Tibães, no decurso da qual também se mostraram e explicaram os trabalhos arqueológicos em curso.

Braga / Tibães, Janeiro de 1999.

Luis Fernando de Oliveira Fontes
(Arqueólogo - UAUM)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 51, 2015

Ilustrações

(plantas)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 51, 2013

Legendas

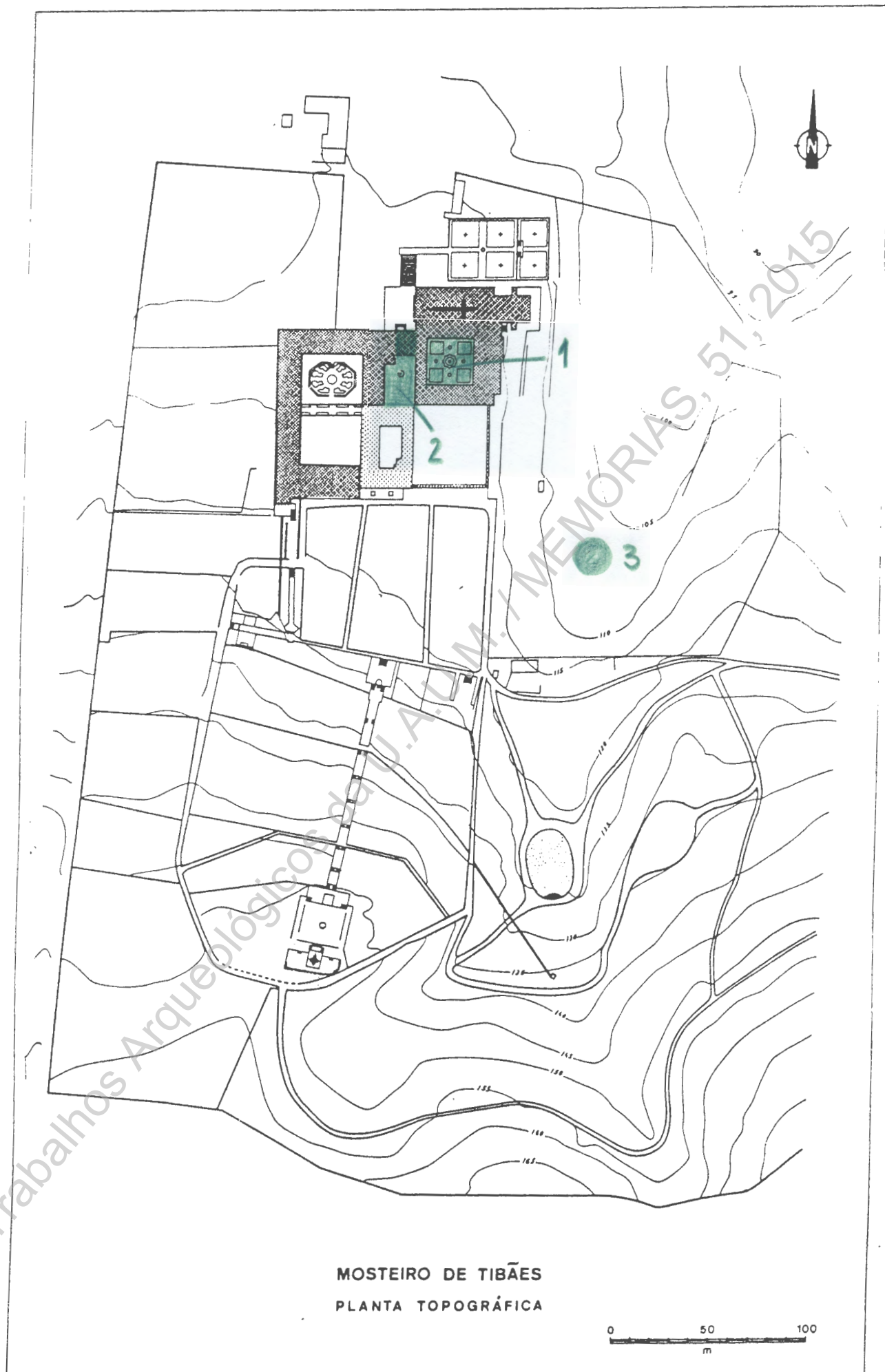
A - Planta geral do mosteiro com localização das áreas intervencionadas: 1 - Claustro do Cemitério; 2 - Pátio do Jericó; 3 - Passal.

B - Planta do Claustro do Cemitério e do Pátio do Jericó com identificação dos cortes escavados.




C - Levantamento planimétrico das escadarias de acesso ao corredor da ala Norte e do soalho deste até ao "paço da ouvidoria".

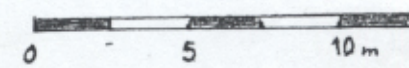
D - Planta esquemática interpretativa do conjunto das ruínas descobertas, relacionáveis com o edificado medieval e da transição para a época moderna.

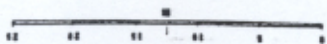
E - Desdobrável sobre a intervenção arqueológica no "claustro do cemitério", editado em 1998.





-  → ESCAVADO - 98
-  → EM ESCAVAÇÃO
-  → A ESCAVAR

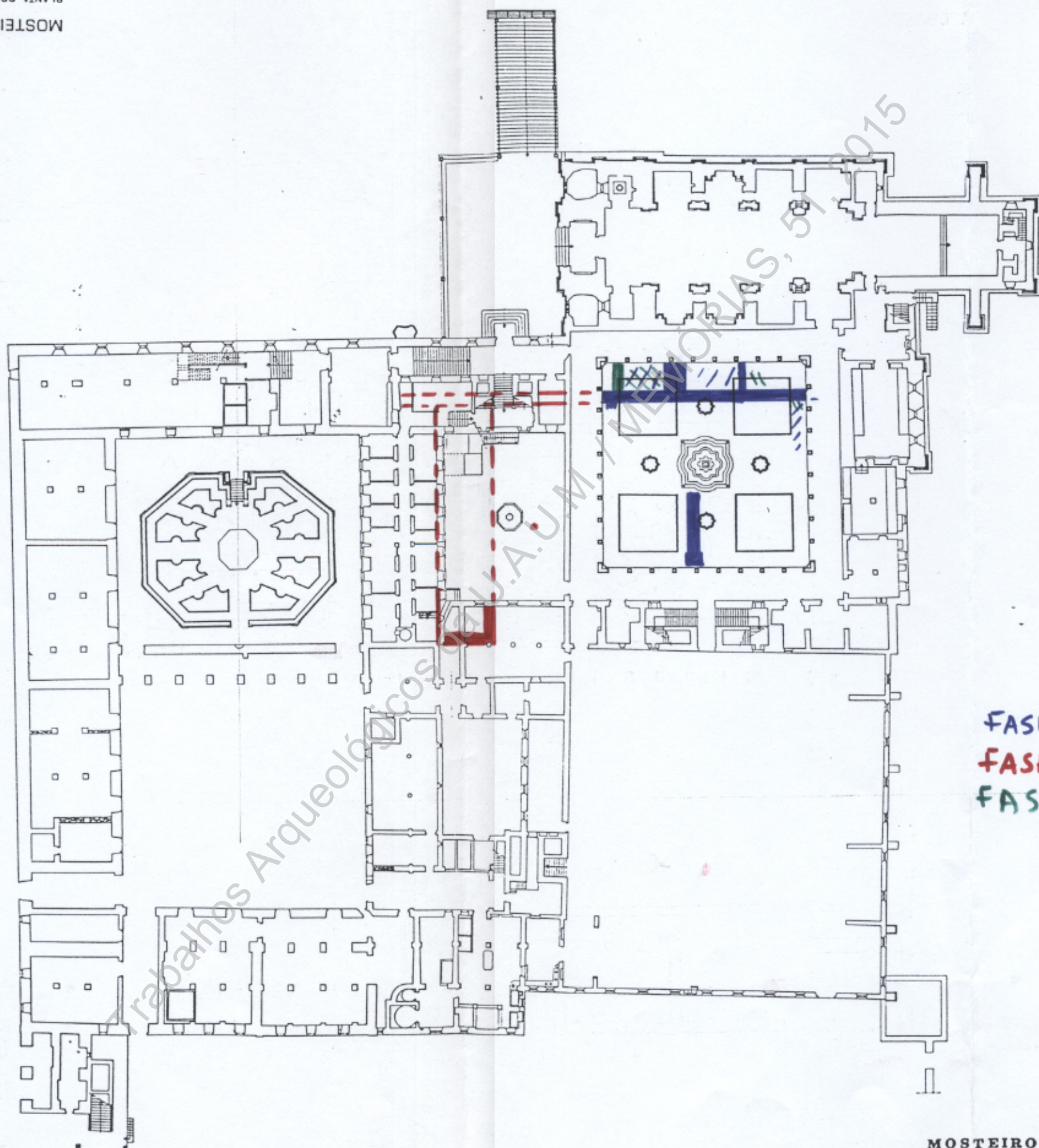




PLANTA DO PISO 2

MOSTEIRO DE TIBÃES

5 m



FASE I

FASE II

FASE III

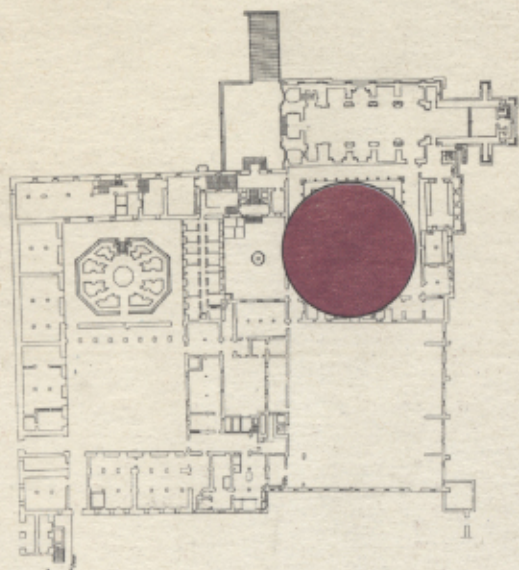
MOSTEIRO DE TIBÃES

PLANTA DO PISO 2

Desde 1992 o IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico, tem vindo a promover um vasto conjunto de obras de conservação, restauro e adaptação no mosteiro de S. Martinho de Tibães. Cumprida já a parte das obras de "salvação", decorrem agora, com programa definido até ao ano 2000, as obras de maior dimensão destinadas a dotar o mosteiro das condições indispensáveis ao acolhimento de visitantes, à musealização de espaços e à fixação dos circuitos de visita.

Tendo em vista informar os projectos de obra, no sentido de minimizar o seu impacto, mas também com o objectivo de aprofundar o conhecimento da história do mosteiro, particularmente no que respeita à evolução arquitectónica do seu edificado, as áreas de intervenção são previamente objecto de escavações arqueológicas, realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

É o caso do designado "Claustro do Cemitério", cujo projecto de consolidação estrutural e de drenagem de águas pluviais está em elaboração e onde actualmente decorrem trabalhos de escavação arqueológica.



mosteiro de s. martinho de tibães

intervenção arqueológica no "claustro do cemitério"



O Claustro do Cemitério" é uma zona especialmente sensível, não só por, como o nome indicia, ser um espaço de enterramento da comunidade monástica (e também da comunidade paroquial, durante um curto período entre meados do século XIX e a década de 30 deste século), como também por conservar a homogeneidade do conjunto arquitectónico que define, construído no decurso do século XVII e praticamente inalterado desde 1725, e ainda por se sobrepor ao núcleo original do mosteiro medieval, como a documentação refere - em 1644, Frei Leão de S. Tomás diz, na sua crónica *Benedictina Lusitana*, (tomo I, pp. 397), que o mosteiro de Tibães "(...) tem duas claustras perfeitas, uma junto à igreja nova que se vai edificando, e em que está enterrado um grande tesouro de santos, conforme a tradição de nossos antepassados que costumavam correr umas sepulturas, que estavam debaixo de uns arquinhos, metidos na grossura da parede da mesma claustra junto à igreja velha, (...)".

Confirmando as referências documentais e os indícios arqueológicos de anteriores sondagens, os trabalhos em curso no Claustro do Cemitério colocaram já a descoberto, para além de troços desactivados da canalização de drenagem oitocentista, algumas pequenas mas significativas partes da edificação medieval do mosteiro de S. Martinho de Tibães, sendo legítimo esperar que até final da intervenção, que decorrerá durante o ano de 1998, fique visível grande parte da zona claustral medieval, incluindo a sua articulação com o primitivo templo.

Melhor conservadas na metade setentrional do actual claustro, as ruínas medievais são constituídas por troços de valas de fundação, alicerces e paramentos de paredes de grande espessura, por áreas pavimentadas (com piso argamassado ou revestido com lajes) e por sepulturas (escavadas na rocha ou em caixa pétrea).

Nas camadas subjacentes ao pavimento lajeado recolheu-se diverso espólio, relevando os inúmeros elementos arquitectónico-decorativos de estilo românico incorporados nos alicerces do século XVII, alguns exemplares de azulejaria hispano-árabe datável dos séculos XV-XVI e ainda fragmentos de louça doméstica de produções medievais e modernas, com dominância de fabricos comuns e faianças.



Ilustrações

(fotografias)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 51, 2019

Legendas

1/1459 - Equipa principal de escavação.

2/1272 - Panorâmica parcial do Claustro do Cemitério durante os trabalhos arqueológicos.

3/1243 - Aspecto dos trabalhos de escavação no Claustro do Cemitério (cortes 20/30).

4/1266 - Aspecto dos trabalhos de escavação no Claustro do Cemitério (cortes 2/3).

5/1167 - Vala de drenagem, saneamento e canalização de água (fachada Sul do Mosteiro, junto à sala do Capítulo).

6/1147 - Vala de drenagem, saneamento e canalização de água (caminho junto ao portão do Anjo).

7/1016 - Sondagem arqueológica no Passal. Corte PASS.1.D em fase de escavação.

8/974 - Sondagem arqueológica no Passal. Início da escavação.

9/1450 - Cortes PJ. 48/49 - Plano Final.

10/1416 - Corte PJ. 82 - Plano Final.

11/1249 - Corte CC. G. 16 - Plano 2.

12/1295 - Corte CC. G. 16 - Plano 3.

13/1291 - Corte CC. G. 16 - Plano 3 (pormenor).

14/1293 - Corte CC. G. 16 - Plano 3 (pormenor).

15/1447 - Corte CC. P. 1 - Plano Final.

16/1448 - Corte CC. P. 1 - Plano Final.

17/1230 - Cortes CC. P. 2/3 - Plano 1.

18/1263 - Cortes CC. P. 2/3 - Plano 2a.

19/1335 - Cortes CC. P. 2/3 - Plano 5.

20/1337 - Cortes CC. P. 2/3 - Plano 5 (pormenor evidenciando revolvimento de sepulturas).

21/1405 - Cortes CC. P. 2/3 - Plano 6.

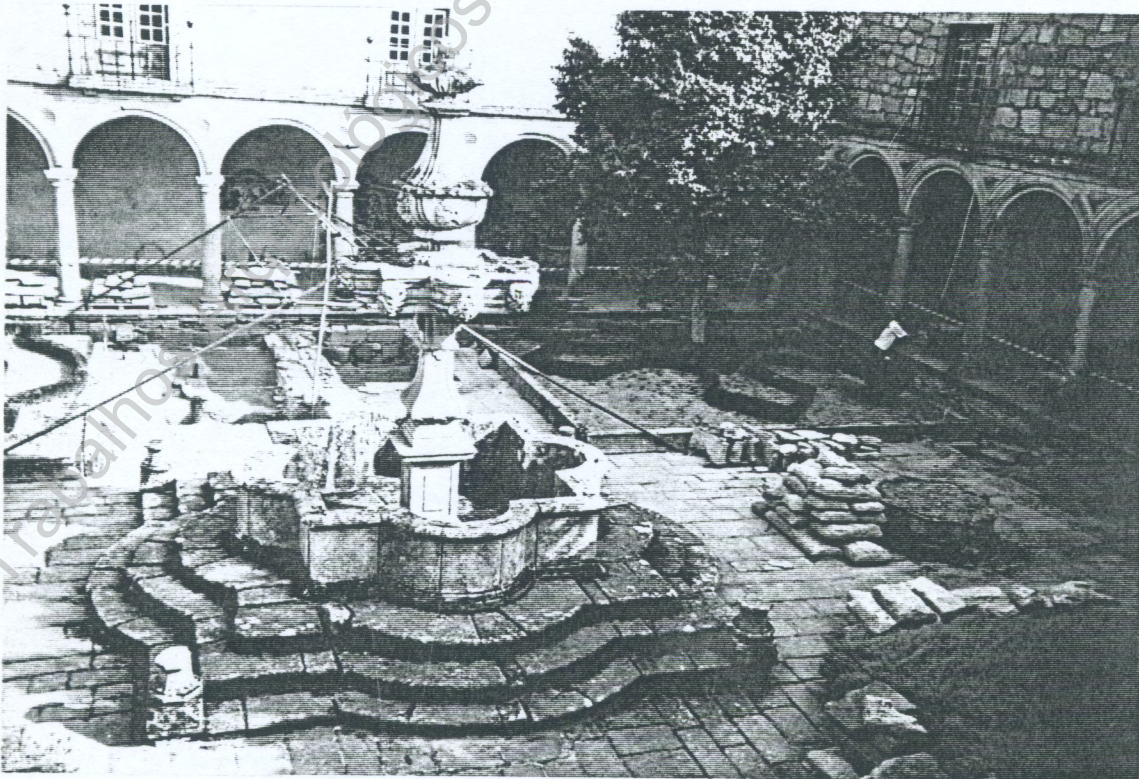
22/1434 - Cortes CC. P. 2/3 - Plano Final.

23/1433 - Cortes CC. P. 2/3 - Perfil Sul.

24/1130 - Corte CC. P. 6 - Plano 3.
25/1195 - Corte CC. P. 6 - Plano Final, (sepulturas).
26/1191 - Cortes CC. P. 7/8 - Plano 4.
27/1205 - Cortes CC. P. 7/8 - Plano Final.
28/1283 - Cortes CC. P. 11/21 - Plano 1a.
29/1338 - Cortes C C. P. 11/21 - Plano 4.
30/1400 - Cortes CC. P. 11/21 - Plano 6 (final).
31/1394 - Corte CC. P. 11/21 - Perfil Este.
32/1435 - Corte CC. P. 4 - Plano Final (abrange ainda os cortes: 2/3, 5, 14 e 15).
33/1424 - Corte CC. P. 14 - Plano Final.
34/1313 - Corte CC. P. 15 - Plano Final.
35/1056 - Corte CC. P. 16 - Plano 4.
36/1065 - Corte CC. P. 16 - Plano 5.
37/1099 - Corte CC. P. 16 - Plano Final.
38/1103 - Corte CC. P. 16 - Perfil Este.
39/1109 - Corte CC. P. 25 - Plano Final.
40/1022 - Corte CC. P. 35 - Plano Final.
41/1094 - Corte CC. P. 36 - Plano 4.
42/1027 - Corte CC. P. 44 - Plano Final.
43/932 - Corte CC. P. 65 - Plano 1.
44/1001 - Corte CC. P. 65 - Plano Final.
45/946 - Corte CC. P. 85 - Plano Final.
46/1150 - Cortes CC. P. 20/30 - Plano 1.
47/1188 - Cortes CC. P. 20/30 - Plano 3.
48/1220 - Cortes CC. P. 20/30 - Plano 4a.
49/1278 - Cortes CC. P. 20/30 - Plano Final.
50/1276 - Cortes CC. P. 20/30 - Plano Final.
51/1288 - Cortes CC. P. 20/30 - Perfil Este.
52/919 - Corte CC. P. 40 - Plano 1.
53/955 - Corte CC. P. 40 - Plano 4.
54/978 - Corte CC. P. 40 - Plano Final.



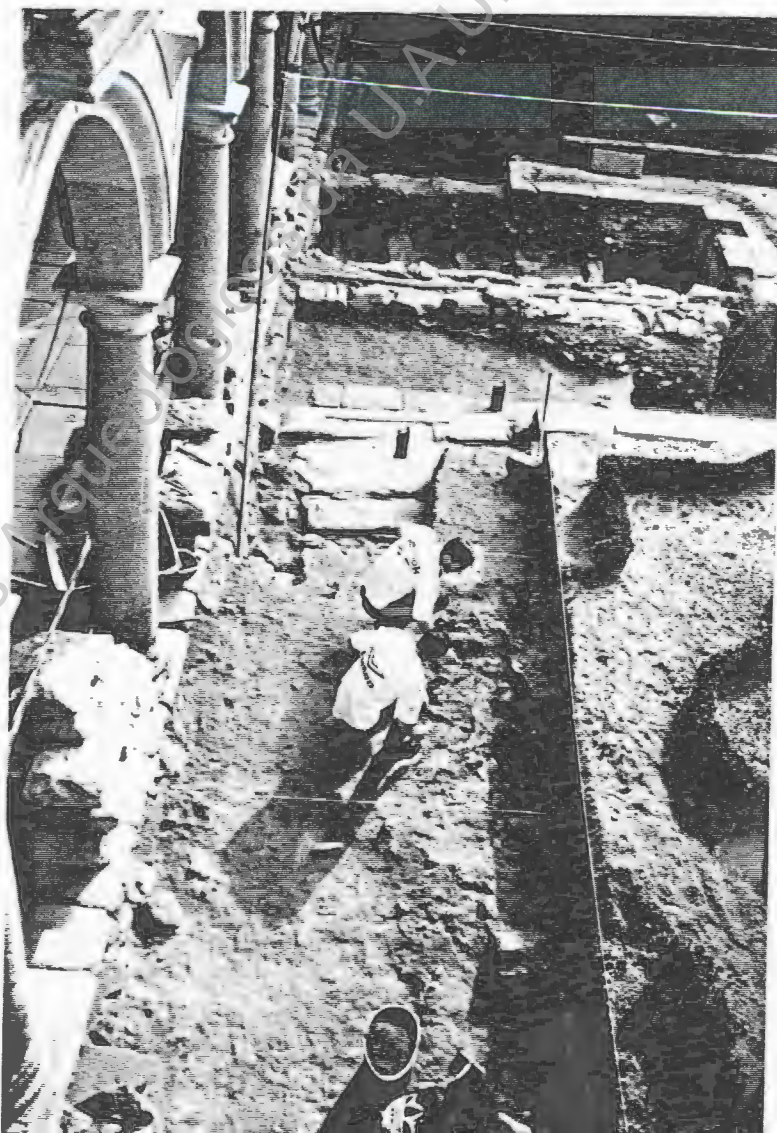
1



2



3

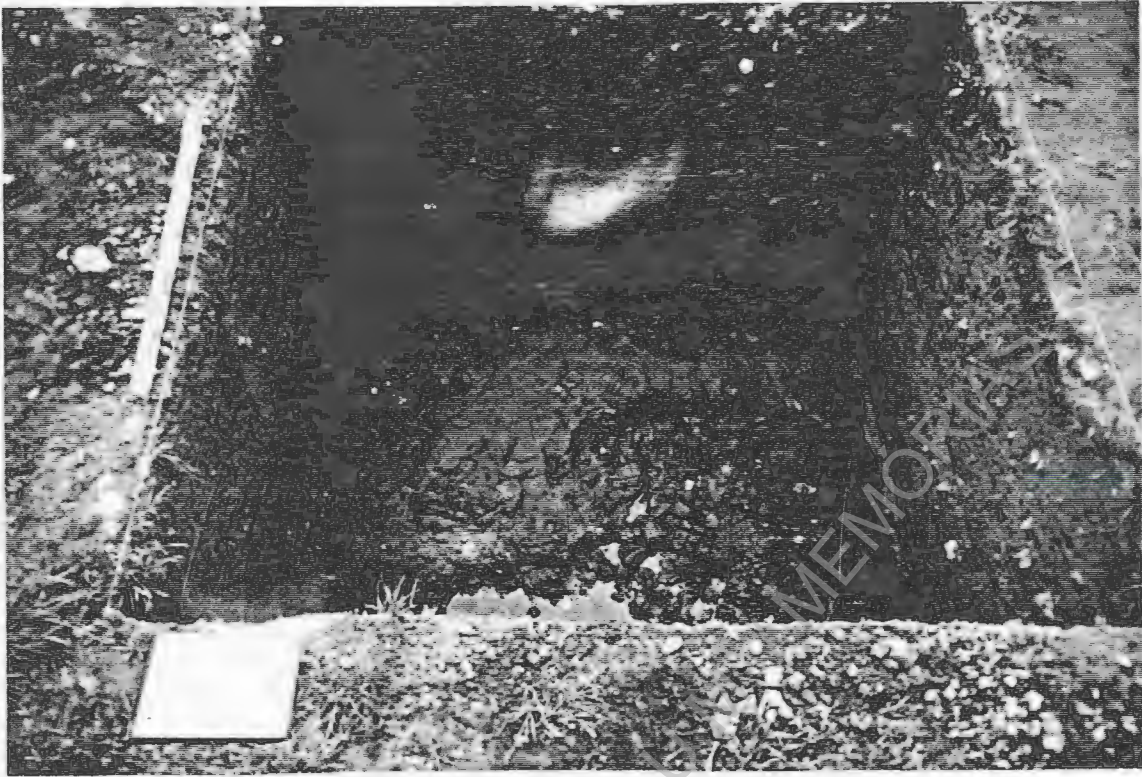




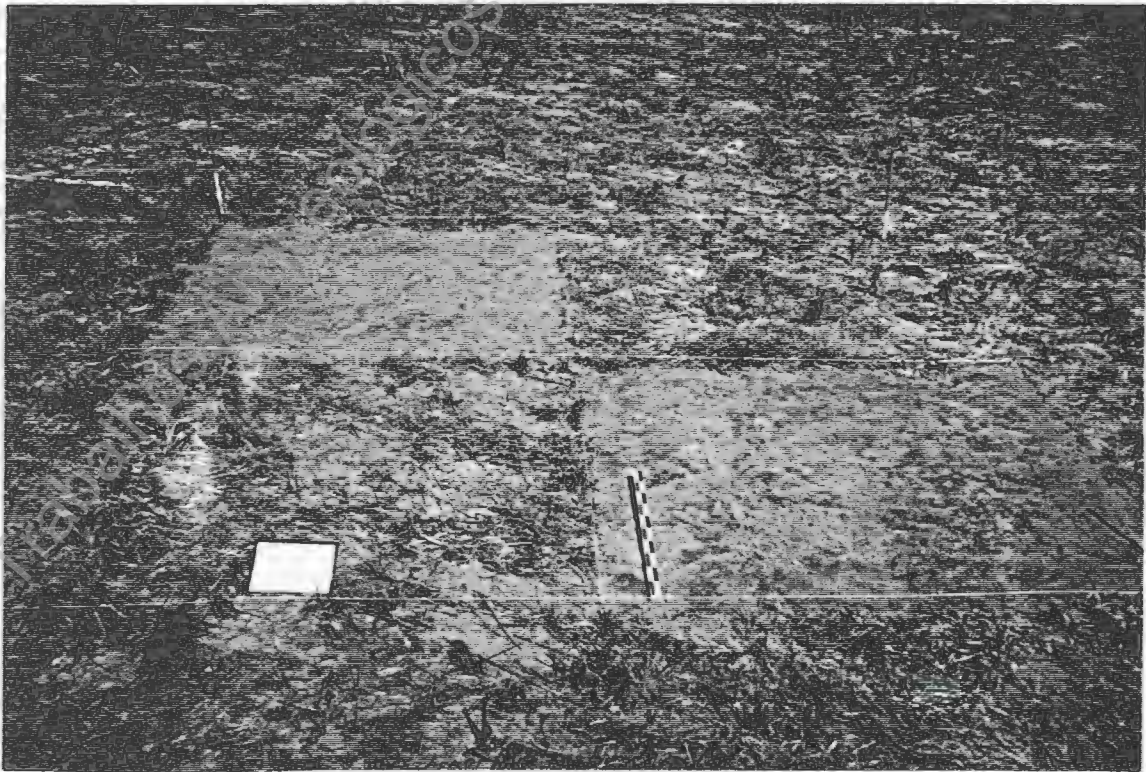
5



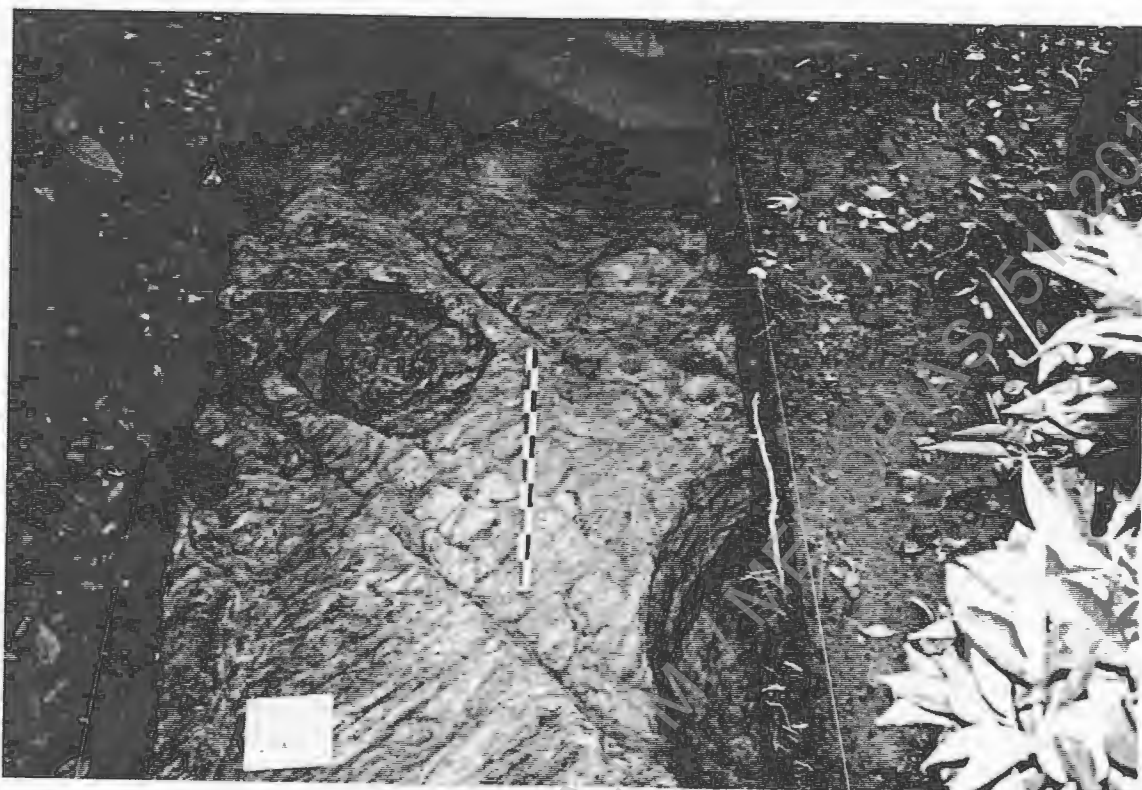
6



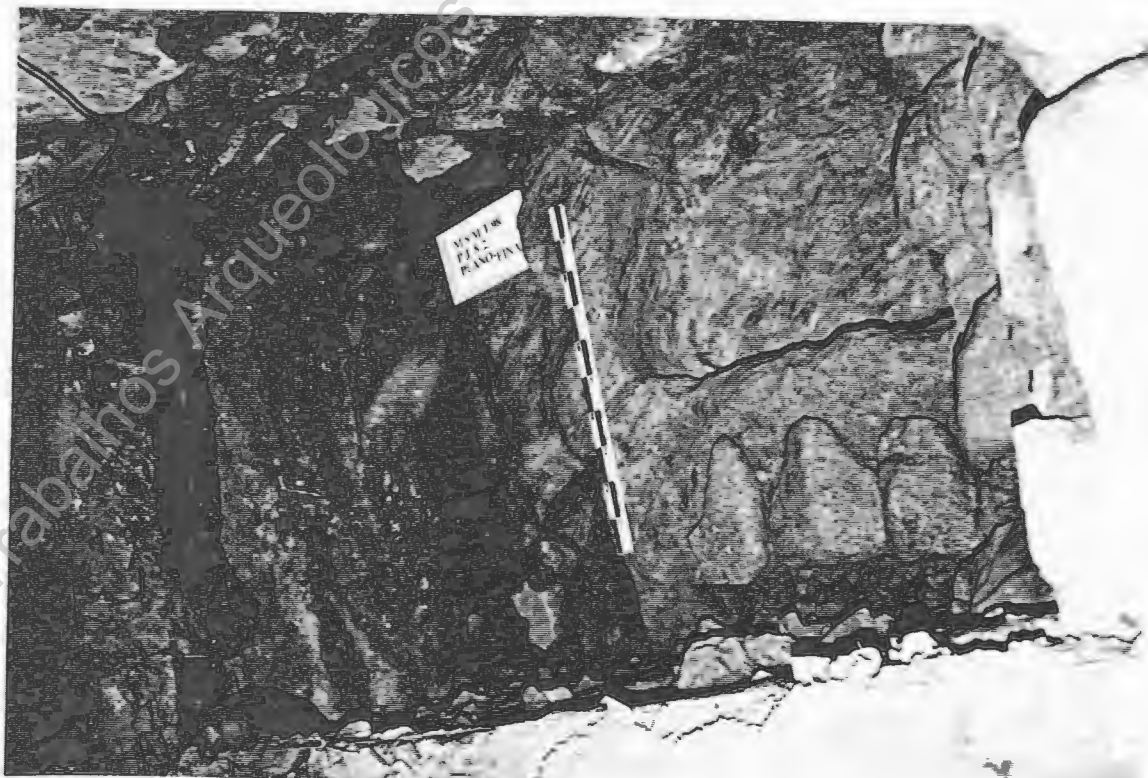
7



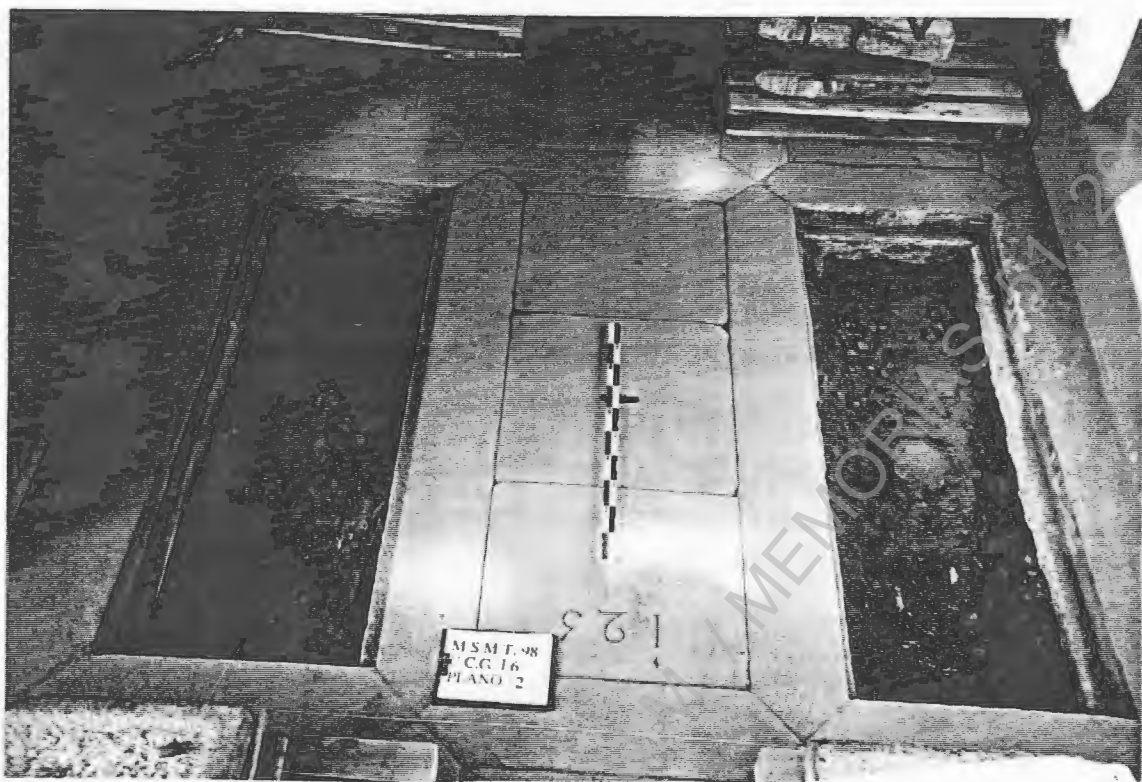
8



9



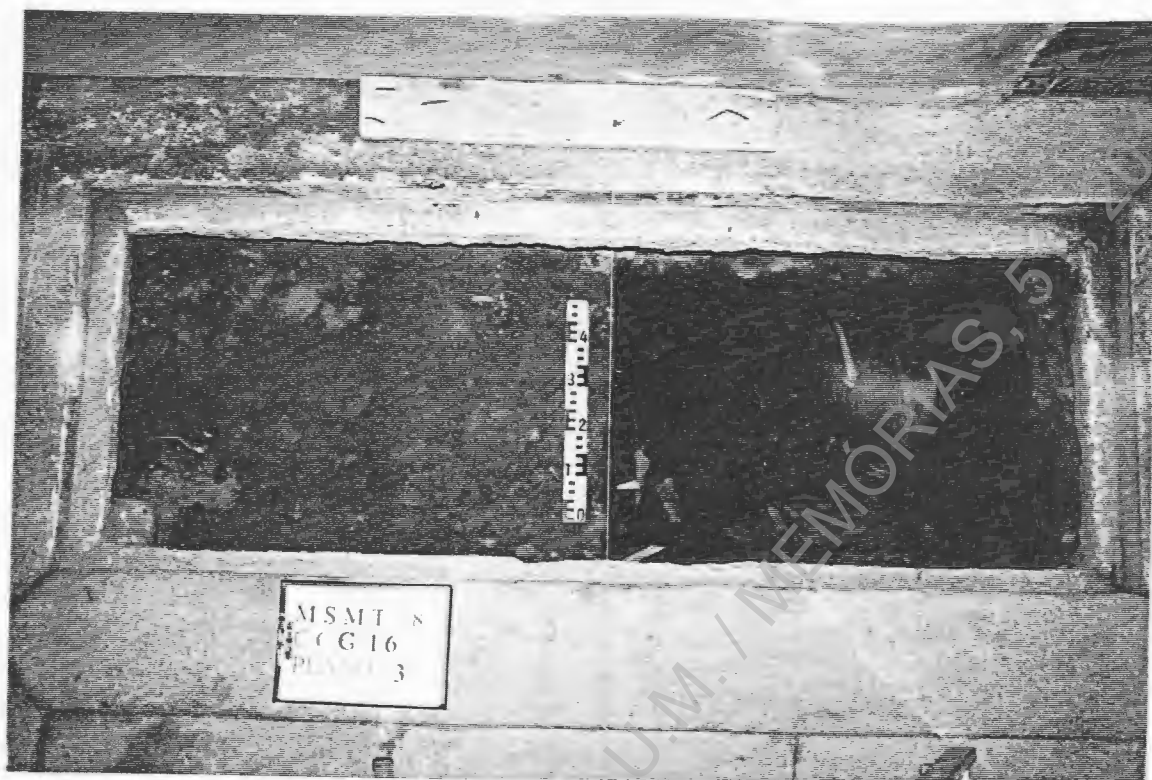
10



11



12



13



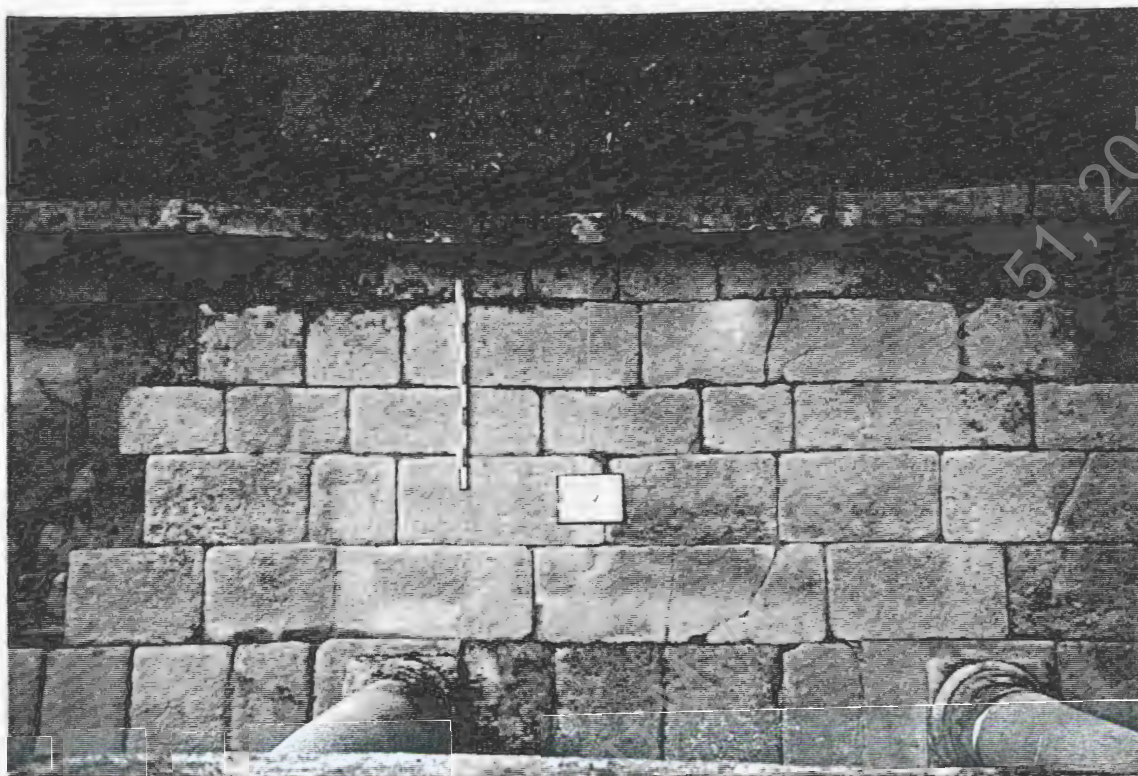
14



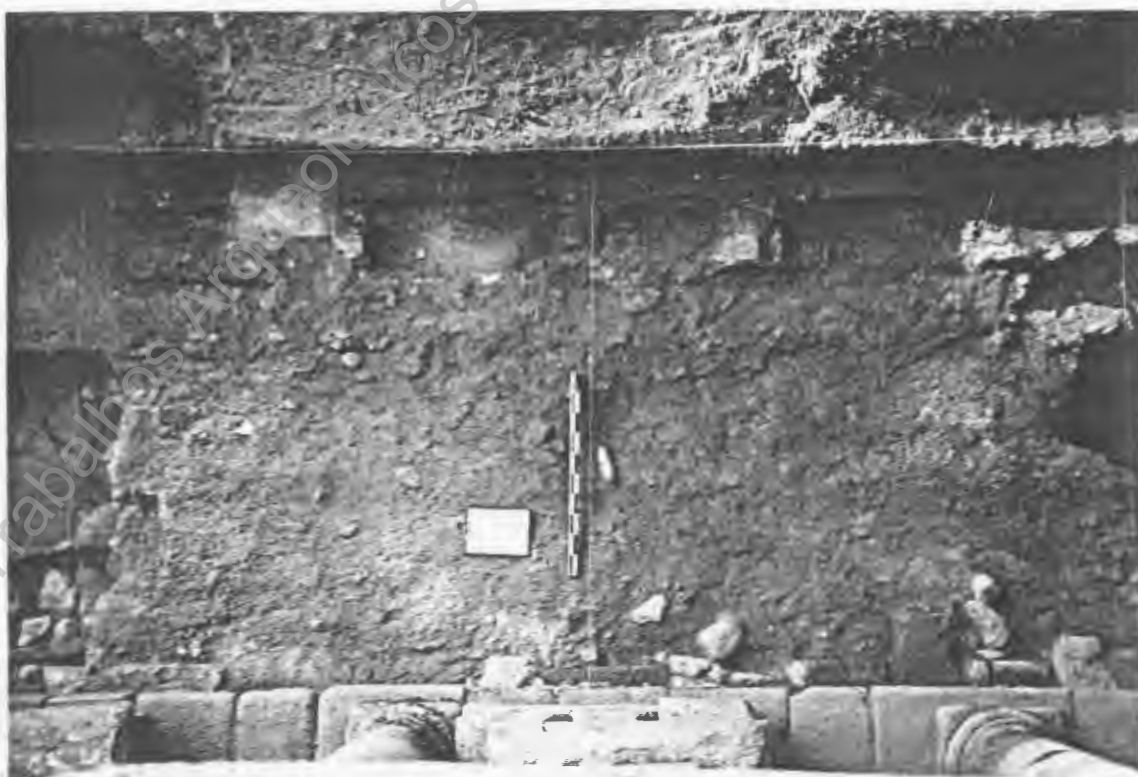
15



16



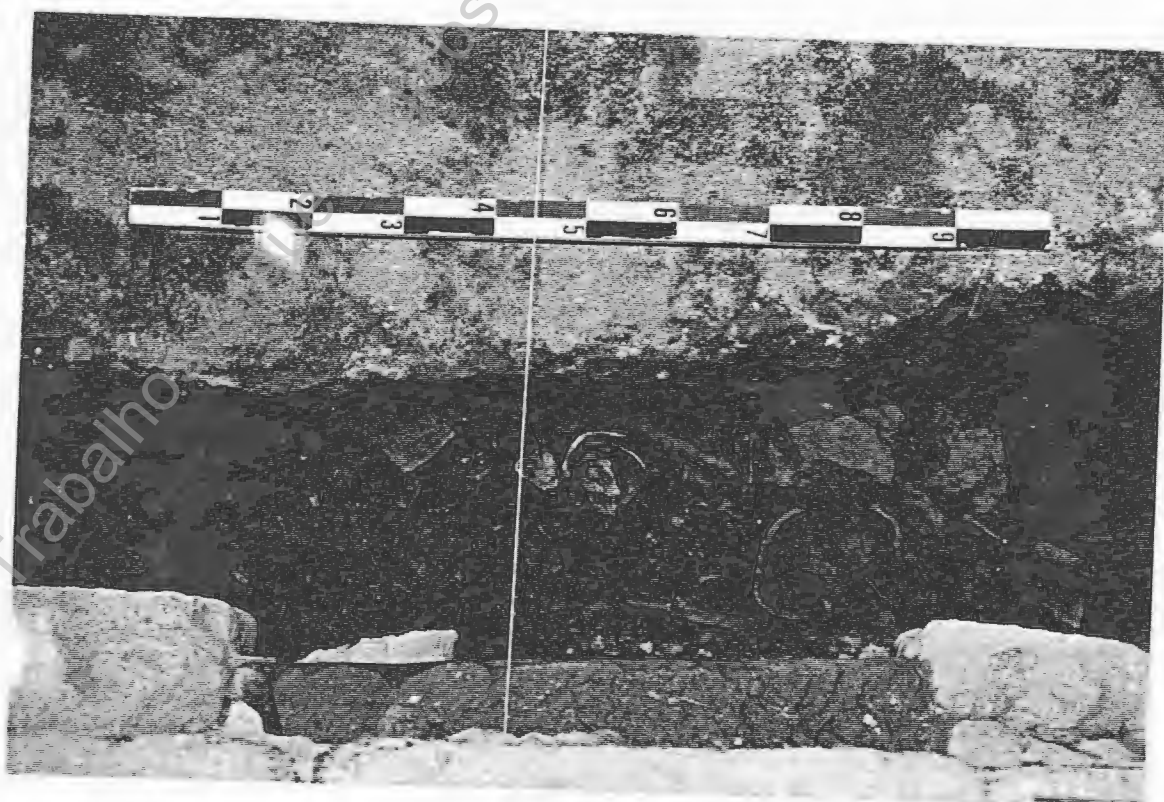
17



18



19



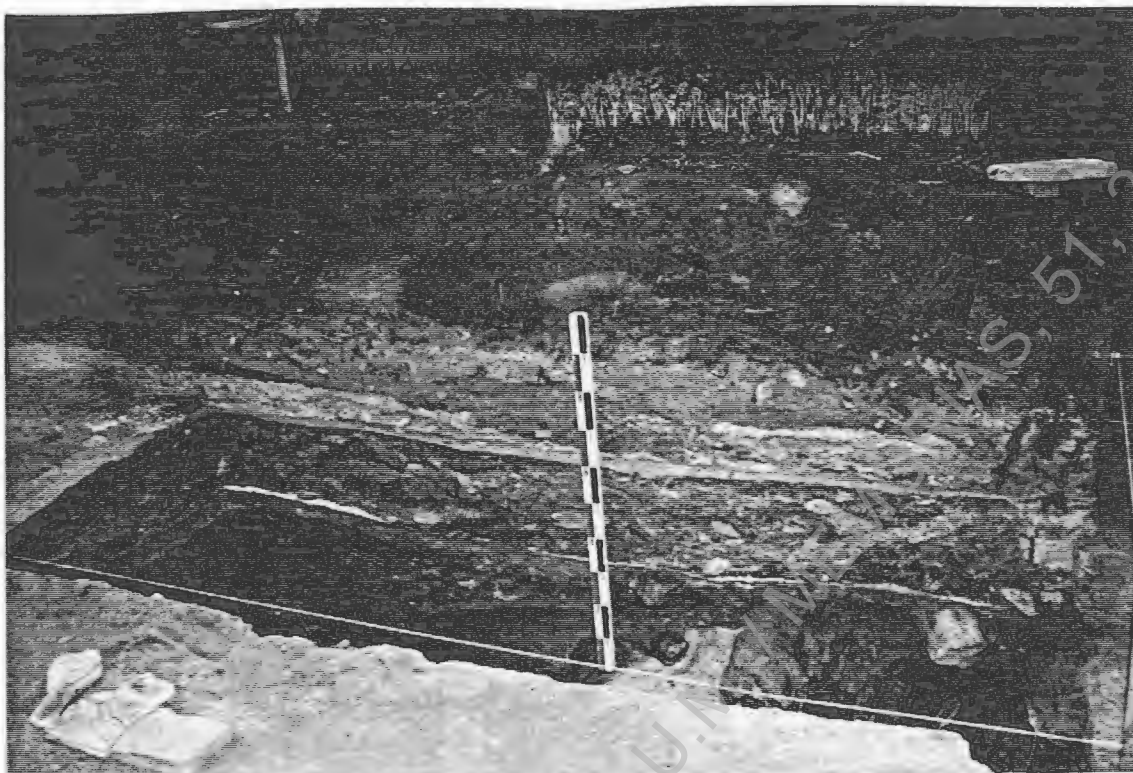
20



21



22



23



24



25



26



27



28



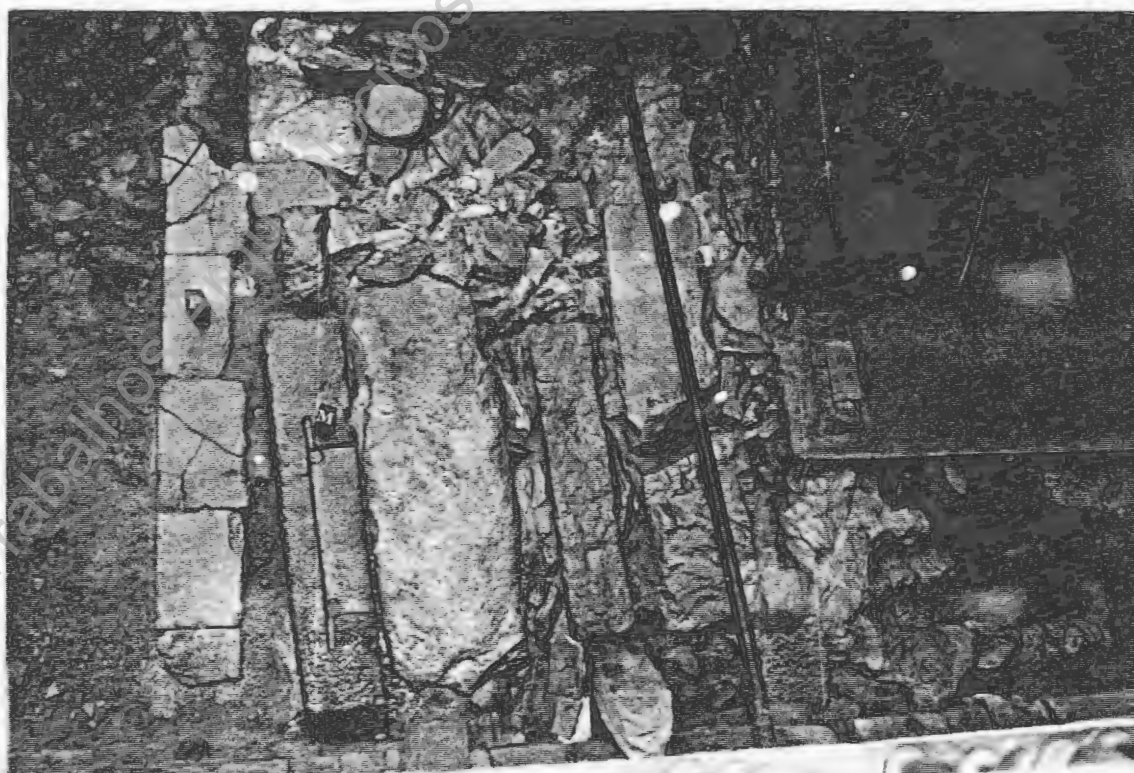
29



30



31



32



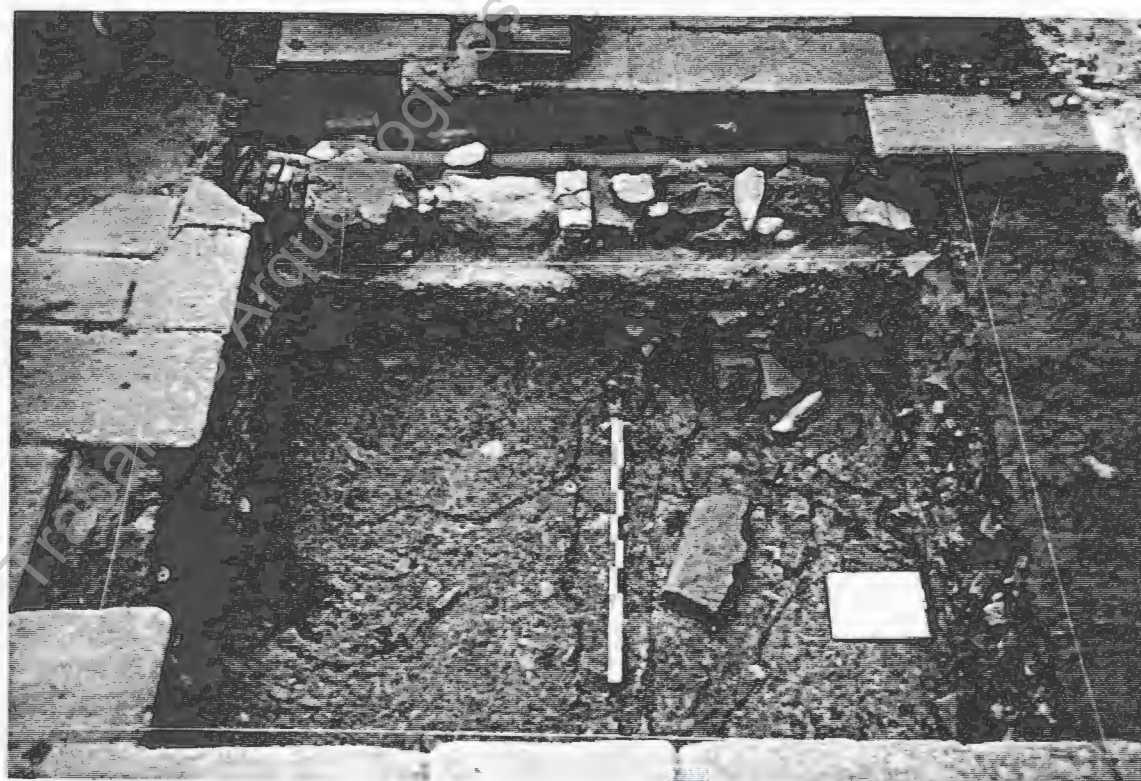
33



34



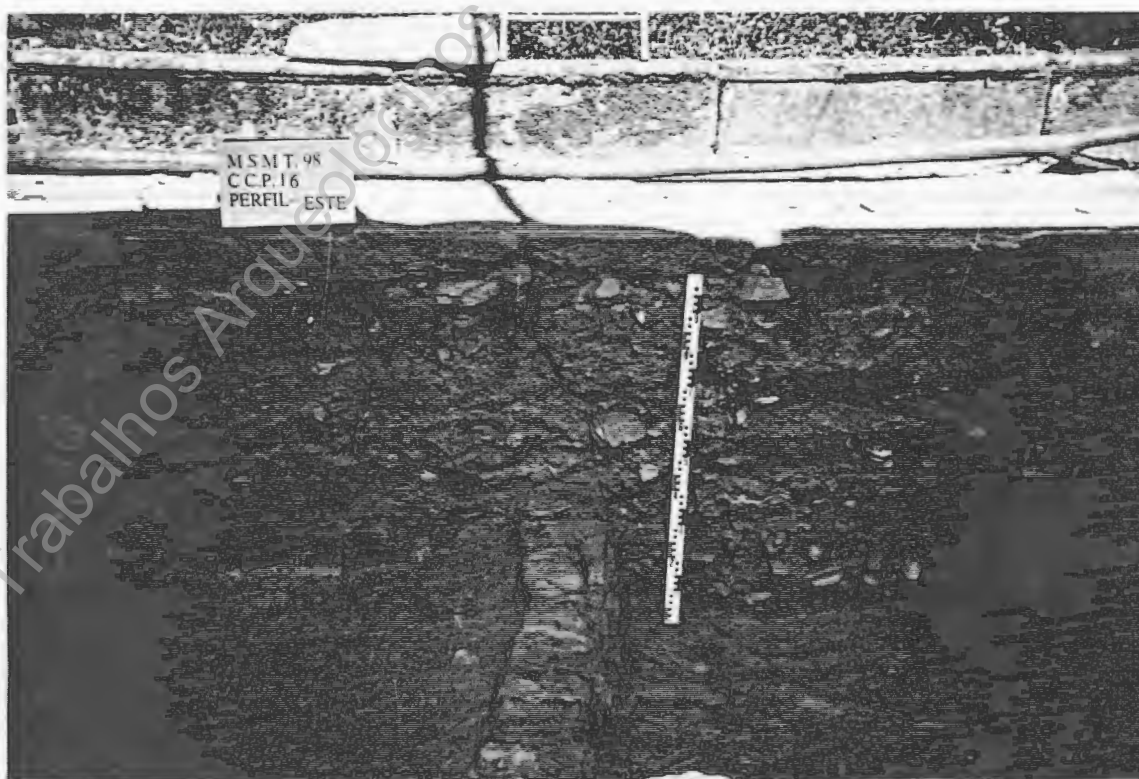
35



36



37



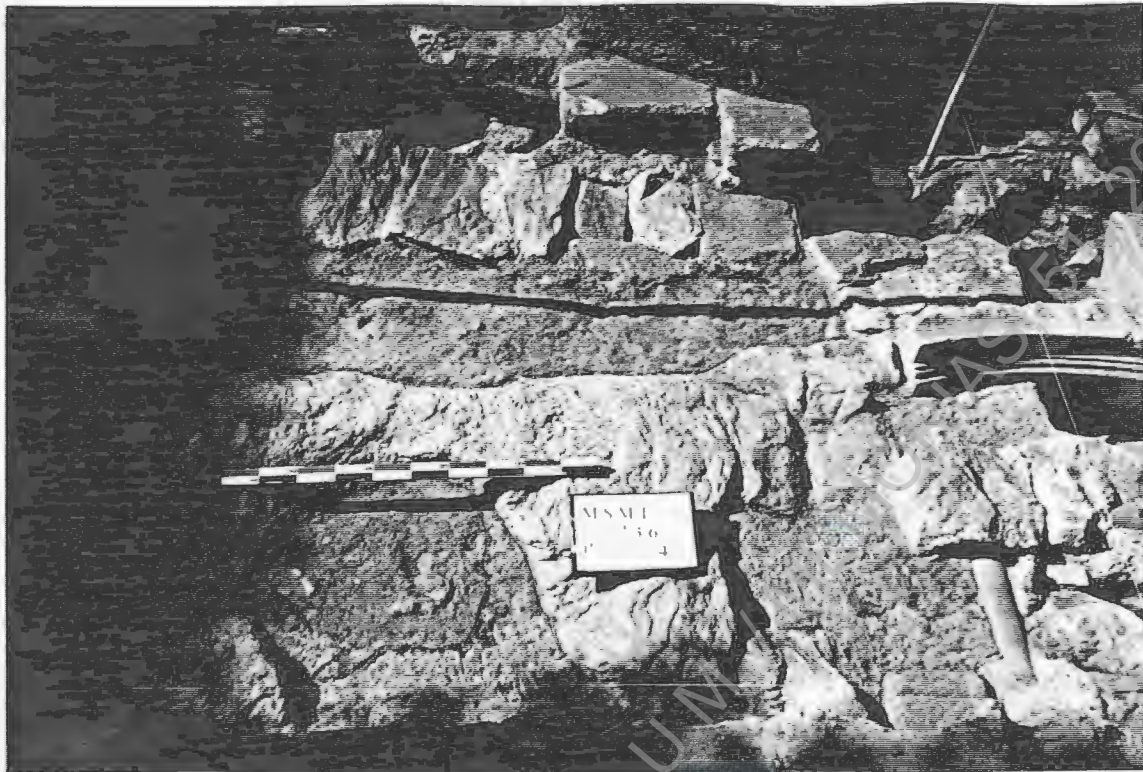
38



39



40



41



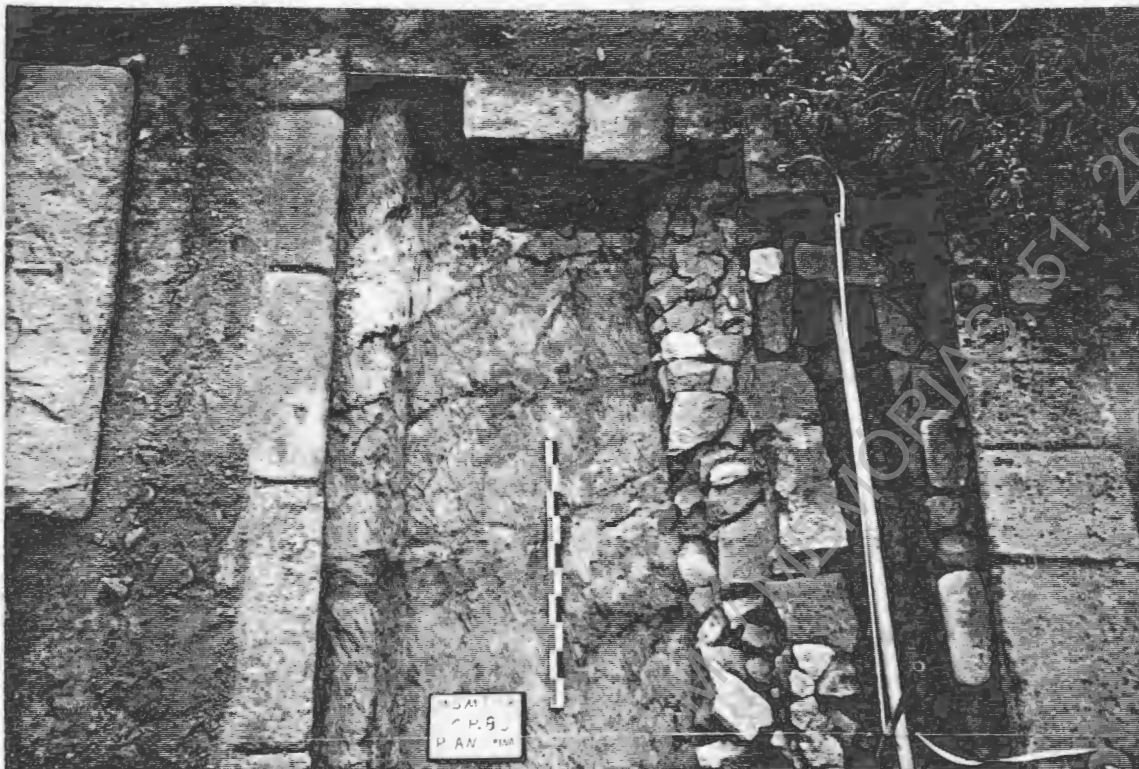
42



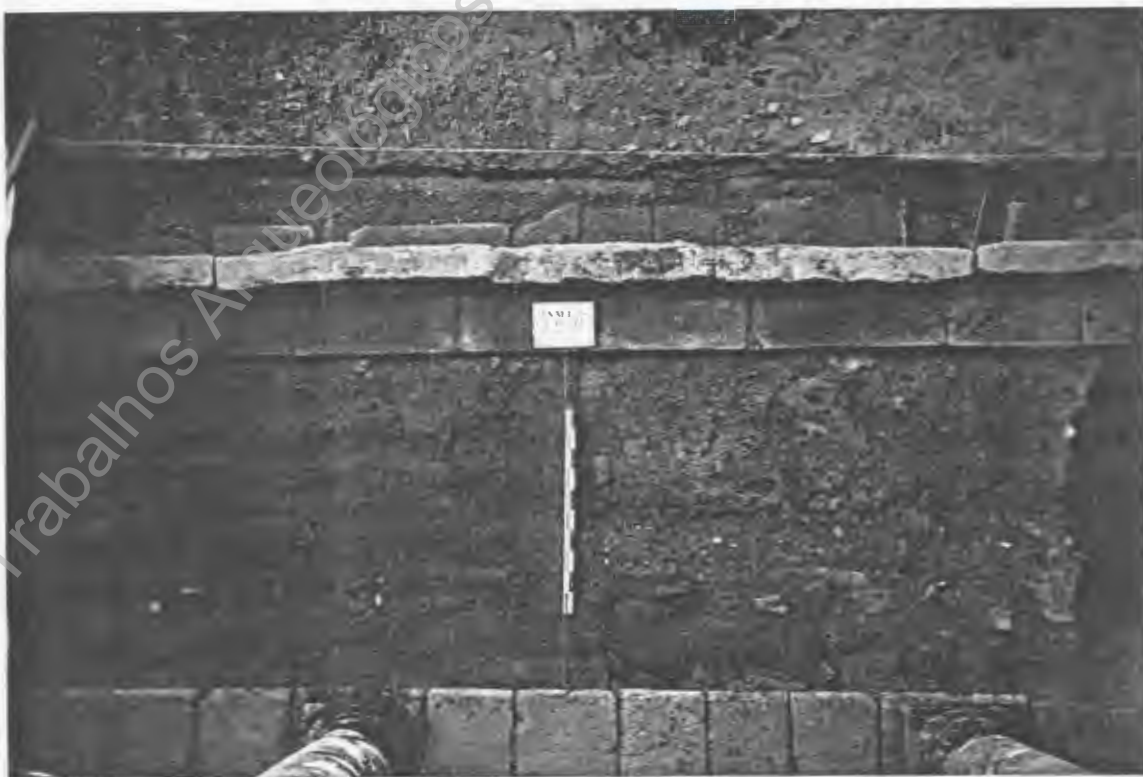
43



44



45



46



47



48



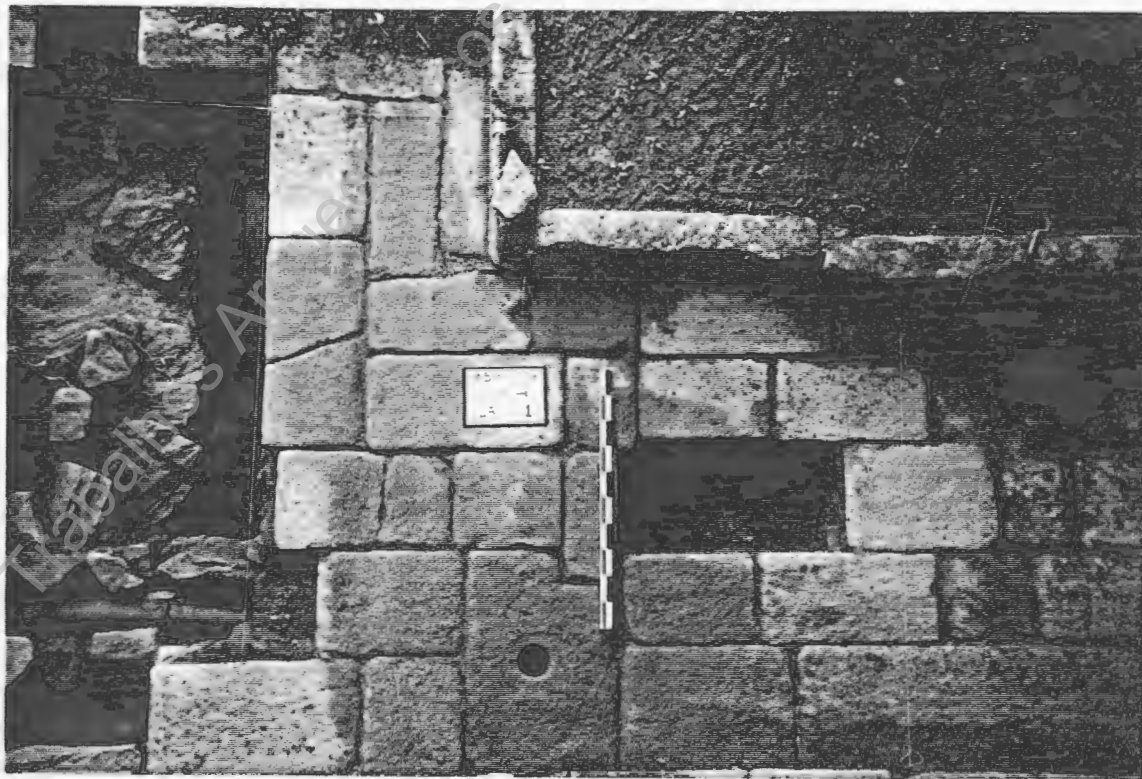
49



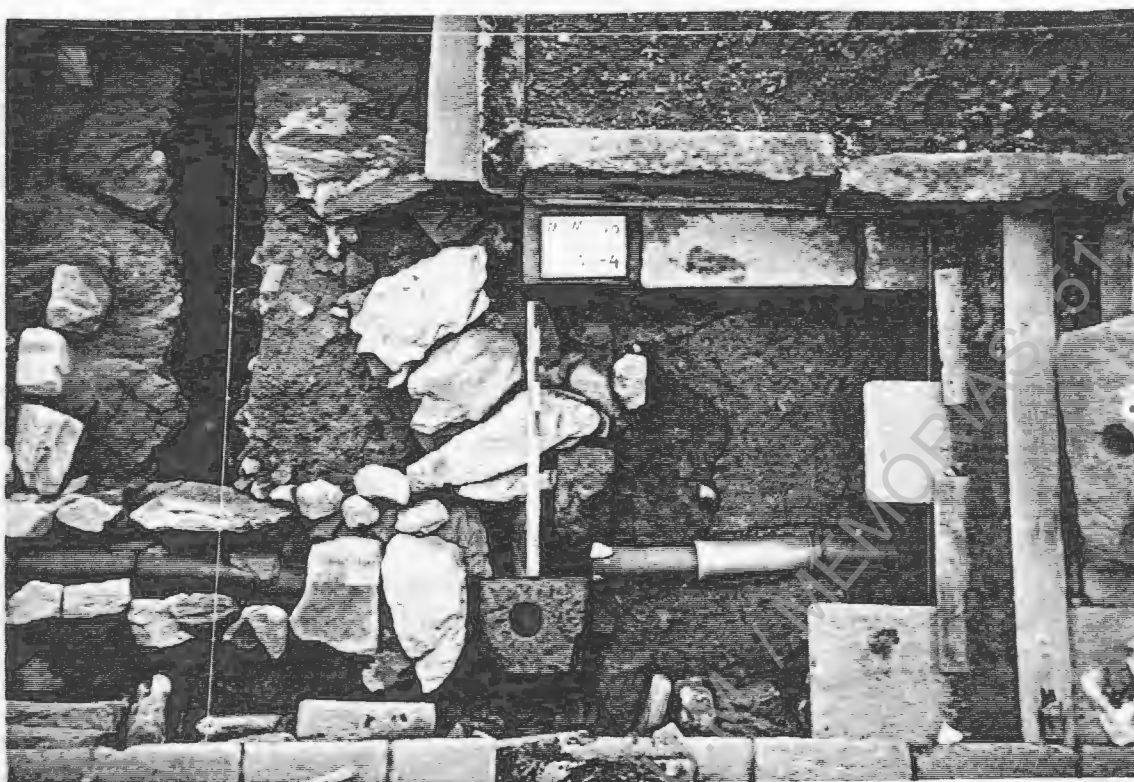
50



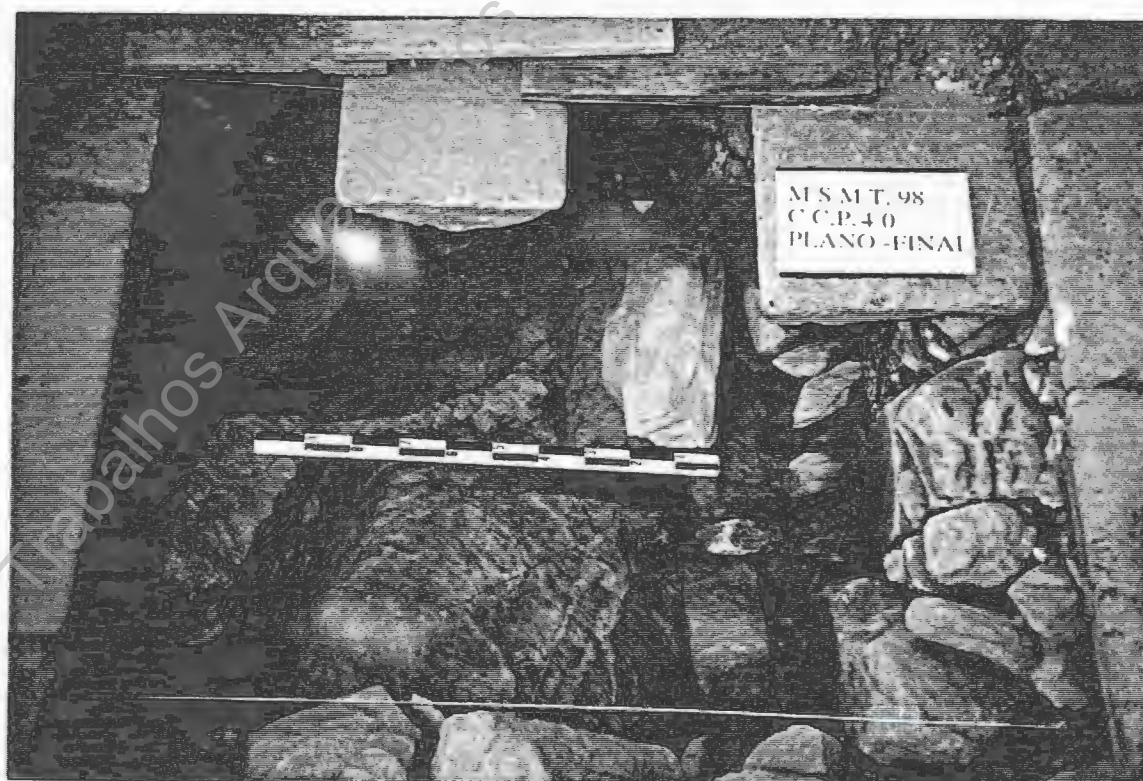
51



52



53



54

Anexos Documentais

(fotocópias dos desenhos de campo)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 51, 2015